

Nome: Airon Martin

Idade: 30 anos

Profissão: designer

Cidade onde nasceu: Sinop/MT

# Excelência à brasileira

Por Guilherme Dearo

Airon Martin cresceu em um cabaré, cursou medicina e quase virou jogador de vôlei antes de criar a Misci, uma das marcas de roupa e mobiliário mais badaladas do país



Foto: Patrícia Ikeda



Loja da Misci em Pinheiros, São Paulo | foto: divulgação

A marca de roupas e mobiliário Misci, criada pelo designer Airon Martin, de 30 anos, alcançou um sucesso meteórico para os padrões da indústria da moda. A primeira coleção, lançada em 2018, esgotou em uma semana. Logo, celebridades como Sasha Meneghel, Enzo Celulari e Giovanna Ewbank passaram a ser vistas com suas criações, colocando a Misci no radar de stylists badalados. Em pouco tempo, a marca se tornou o nome mais quente da moda nacional. O êxito de Airon ganhou um novo empurrão quando a socióloga e primeira-dama do Brasil, Rosângela da Silva, conhecida como Janja, apareceu em uma entrevista ao programa *Fantástico*, da TV Globo, na noite de 13 de novembro de 2022, vestindo uma camisa de seda branca com detalhes em vermelho da Misci. Reportagens pipocaram na internet destacando o preço da peça: 2.580 reais.

Airon, que já acumulava elogios pela habilidade ímpar de destacar elementos, narrativas e materiais nacionais nas coleções, atingiu um novo patamar de reconhecimento, agora acompanhado de críticas ao valor de suas criações — e ao fato de uma pessoa de esquerda vestir peças caras, uma “hipocrisia”, segundo os críticos. “Não gostei da repercussão sobre a roupa da Janja porque as matérias focaram no valor da camisa, o que abriu espaço para ataques. Por que o Brasil não pode produzir camisas de 2.500 reais? Parece um pensamento do Brasil Colônia, que só exportava matéria-prima barata”, diz Airon.

“Conheci o Brasil real, o Brasil profundo. Eu vi os homens que abandonam as famílias, vi o machismo, vi a objetificação do corpo da mulher”

### Infância no cabaré

Antes de chegar aos holofotes e à lista *Under 30*, publicação da revista *Forbes Brasil* com empreendedores e criadores de até 30 anos, Airon Martin passou pelo direito, pela medicina e pelas quadras de vôlei, embora desenhasse vestidos desde os 6 anos de idade. Ele nasceu em 1992 em Sinop, cidade de 150 mil habitantes do interior de Mato Grosso. Cresceu rodeado por mulheres. “Minha avó tinha um cabaré. Ela não tinha marido, e eu não tinha pai. Então eu ficava no meio das mulheres da casa e da boate.” A força e determinação feminina, testemunhadas por Airon, levaram o designer a criar, anos depois, a coleção intitulada *Eva – Mátria Brasil*, homenageando as mulheres que sustentam a família sozinhas. A camisa usada por Janja pertencia a essa coleção.

Ele cresceu sem a companhia do pai biológico, que tivera um breve relacionamento com sua mãe, a rondoniense Sonaly Pereira. A única presença masculina na infância foi o pai de criação, Leandro, que havia sido o primeiro marido de Sonaly. A avó Lúcia, nascida no Ceará, era dona de um bar e uma boate na beira da BR-163, trecho importante para o escoamento rodoviário da produção do agronegócio do estado. A casa da família ficava nos fundos do terreno. Na frente, o cabaré da avó,

onde trabalhavam as prostitutas, e, no meio, a casa onde as mulheres dormiam depois do trabalho.

“Eu convivia muito com as prostitutas, que eram como tias para mim. Muitas ali estavam longe de casa e da família, juntavam dinheiro para mandar para os filhos, então eu vivava o afilhado delas e o apego emocional era grande”, conta. Essa realidade proporcionou aprendizados intensos ao jovem Airon. “Eu não preciso estudar o que é o Brasil porque eu conheci esse Brasil real, o Brasil profundo. Eu vi os homens que abandonam as famílias, vi o machismo, vi a objetificação do corpo da mulher. Entendi tudo ali desde cedo. Tudo o que sou hoje é por causa disso. Jamais vou romantizar aquela realidade. Abandono, falta de recursos, a necessidade da prostituição. Mas isso me deu muita consciência social”, analisa.

Airon também se sentia livre para compartilhar aspectos de sua vida pessoal com as mulheres que trabalhavam para a avó. “Eu me assumi gay na adolescência, e a primeira pessoa para quem eu contei foi a cozinheira da boate, que era travesti. Ela ficava ali na cozinha porque não podia se prostituir, com medo da homofobia e da violência dos caminhoneiros, que eram os clientes da boate.”



Coleção *Eva – Mátria Brasil* | foto reprodução redes sociais



## Futuro no vôlei

Na escola, Airon revelava talento dentro e fora das salas de aula, conciliando as boas notas no boletim com a aptidão para jogar vôlei. Por causa do esporte, ganhou bolsas de estudo para frequentar escolas particulares. Aos 14 anos, recebeu uma proposta para ser jogador de um time de Araraquara, no interior de São Paulo. A vida longe da família não durou muito. A mãe não aguentou a saudade, e foi buscar o filho de volta depois de um mês. Logo depois, o jogador passou em um teste no Esporte Clube Pinheiros, na capital paulista. Mais uma vez, a aventura fora de casa foi interrompida pela saudade da família. A carreira no vôlei durou dos 10 aos 16 anos. "Fui eleito por três vezes consecutivas o melhor levantador de Mato Grosso", conta. Com 1,90 metro de altura, a baixa estatura para o esporte comprometia um futuro em clubes de alto nível. "E eu queria ser excelente, não apenas mediano. Então decidi que era preciso investir em outra coisa."

A paixão por roupas era alta, mas a família queria que ele seguisse uma carreira com mais estabilidade e segurança financeira, de preferência com um "doutor" na frente do nome. "Acabei escolhendo direito, mas cursei só um semestre, vi que não era para mim e desisti." Na segunda incursão pelo ensino superior, foi estudar medicina em Buenos Aires, onde havia uma faculdade que oferecia curso de qualidade, com mensalidades mais baixas do que uma instituição de ensino brasileira e menos concorrido. A temporada na Argentina durou apenas um ano. A bagagem, no entanto, voltou cheia de aprendizagem. "Não queria aquilo para mim, mas aprendi coisas nas aulas de anatomia que uso até hoje para entender o corpo das pessoas e moldar as roupas." Foi no bairro de Palermo, cheio de cultura e vida noturna, que Airon descobriu as possibilidades de viver uma carreira criativa. "Fiquei impactado com a cena de moda e design local. Ali, resolvi que iria morar em São Paulo e investir na carreira de design."



Airon (o primeiro em pé, à esq.) jogou vôlei dos 10 aos 16 anos | foto: arquivo pessoal



Bar da Misci | foto: divulgação

## Infiltrado na elite paulistana

Em São Paulo, o jovem de 23 anos foi estudar design de interiores no Instituto Europeu de Design, centro universitário de elite na capital paulista, graças ao Fundo de Financiamento ao Estudante no Ensino Superior (Fies). Interrompeu os estudos depois de um semestre por falta de dinheiro e passou um ano trabalhando para poder voltar ao curso com mais tranquilidade financeira. Enquanto terminava os estudos, elaborava projetos de branding para empresas e de design de interiores para clientes endinheirados. "Eu conhecia pais e maridos de colegas ricos da faculdade, que investiam em apartamentos, e eles me contratavam para fazer os projetos", diz. Nesse ambiente povoado pela classe média alta paulistana, ele buscava focar nos estudos para não se comparar com os colegas, mas a desigualdade social não passava despercebida: "Não tinha quase nenhuma pessoa negra na faculdade toda, acho que era só uma. Isso me chocava".

Apesar dos bons trabalhos, viver sozinho em São Paulo foi um desafio para Airon. "No primeiro ano na cidade, pensava em ir embora todos os dias. Eu odiava São Paulo porque você só vive bem na cidade se tiver dinheiro." Apesar de gostar de produzir mobiliários e fazer projetos de design de interiores, o interesse de Airon pela moda se intensificou. O trabalho de

conclusão de curso, em 2018, foi o embrião da Misci, nome pensado a partir das origens do Brasil e da palavra "miscigenação". "Nunca foi um projeto teórico. Na apresentação do TCC, eu já sabia que queria criar uma empresa de verdade", conta. Assim que se formou, pegou um empréstimo e iniciou os trabalhos da marca.

Desde o nascimento da Misci, Airon se compromete a usar matérias-primas nacionais de alta qualidade e recorrer a inspirações ligadas à história do nosso país, uma combinação que visa vender a indústria brasileira ao mundo "para além dos clichês". "Se um relógio é suíço, pressupõe-se que tem alta qualidade, mas, quando pensam em produto brasileiro, pensam em procedência duvidosa", diz. "Quero mudar isso. Quero que a 'marca Brasil' seja sinônimo de qualidade. Nós usamos a mesma seda que a Dior usa, que a Hermès usa, e essa seda é brasileira, feita aqui." A primeira coleção da Misci, lançada pelo então estudante como um TCC, foi batizada de *Raça Humana*. Vendeu em duas lojas e chamou a atenção de clientes e stylists. Um feito e tanto para um trabalho de faculdade. E, apesar do sucesso, Airon nunca abandonou suas raízes e o Brasil que conheceu em Mato Grosso, fazendo questão de levar sua consciência social para suas criações.

"Se um relógio é suíço, pressupõe-se que tem alta qualidade, mas quando pensam em produto brasileiro, pensam em procedência duvidosa. Quero mudar isso"

“Se me perguntam se a roupa é de homem ou de mulher, eu respondo ‘É de seda’”

## “É de seda”

Embora suas maiores inspirações sejam as mulheres de sua vida, Airon não se prende a gêneros quando cria suas peças. “Se me perguntam se a roupa é de homem ou de mulher, eu respondo ‘É de seda’”, diz. Airon também tenta combater a associação de moda com futilidade, vista principalmente nas redes sociais, repletas de pessoas preocupadas apenas em exibir nomes de grifes internacionais em suas publicações. “A moda pode ser fútil se a pessoa se esconde atrás da roupa e do nome da marca. A roupa deve, sim, complementar a pessoa, exibir os valores dela. A produção nacional pode sublinhar os valores dos brasileiros.”

Hoje, a Misci tem cerca de 30 funcionários, além de prestadores de serviços temporários para projetos pontuais. São dois endereços: uma loja na Rua Mateus Grou, no bairro paulistano de Pinheiros, e uma boutique no luxuoso Shopping Cidade Jardim, também em São Paulo. Como fundador e diretor criativo, Airon atribui o sucesso da Misci ao trabalho duro, aos anos de dedicação, ao próprio talento e ao fato de a marca investir no *storytelling* sobre o Brasil. E vai mais longe: “Sou confundido com um paulistano que nasceu em berço de ouro, no meio da elite tradicional da cidade. E isso mexe com a cabeça do público. Agrado consumidor que se identifica com a minha aparência, e também consigo a aprovação dos formadores de opinião que gostam da minha história de vida cheia de detalhes curiosos. Meu rosto agrada essas pessoas da elite e elas não se assustam comigo. Não sei se felizmente ou infelizmente *frisos*”.

Quando a primeira-dama usou uma peça Misci na entrevista ao programa dominical da Globo, Airon foi empurrado para o meio de uma guerra política no calor das eleições presidenciais. Um mês depois, Janja voltou a usar roupas da marca, desta vez na diplomação de Lula como presidente. O designer viu-se atacado nas redes sociais por pessoas dos dois extremos do espectro político de um Brasil polarizado. “Quando você tem uma militância aguerrida, extremista, você só comunica para a sua bolha, para quem pensa igual a você. Está faltando espaço para o diálogo. Não tem nada mais assustador que falar só com quem pensa igual a mim. Quero discutir e evoluir através das diferenças. Não me importo se me criticam por isso”, revela.

Celebridades sempre ajudaram a trazer fama para as marcas nas passarelas, mas Airon não gosta de depender de famosos para divulgar a Misci. “Para mim, as pessoas mais importantes são as modelos. Ninguém conta melhor histórias com as roupas do que elas”, fala. Ele também se sente pouco confortável com influenciadores digitais sem conhecimento sobre moda divulgando as peças que cria: “O público precisa ficar mais atento sobre o que consome, porque tem muita coisa de baixa qualidade por aí. Admiro algumas criadoras nas redes sociais, mas tem muita blogueira e influencer sem conteúdo”, diz.



Foto: Anthoner Neto



Airon (à esq.) com a mãe e o irmão | foto: arquivo pessoal

## Orgulho e respeito

Na trajetória de sucesso vertiginoso, o orgulho foi construído ao longo do caminho. “Eu tive vergonha da minha história por muito tempo, mas hoje falo sobre mim com orgulho. Abraçar minha história me transformou.” E o designer reconhece a importância da convivência com mulheres fortes em Sinop nessa trajetória: “Ainda quero criar coisas inspiradas nas meninas que trabalhavam com minha avó. Elas merecem muito respeito”. Airon se diverte com um fato inusitado: a família em Mato Grosso passou a valorizar seu trabalho recentemente, depois de ouvir um polêmico apresentador de TV, com opiniões políticas muito divergentes das de Airon, se referir a ele como o principal designer de moda do momento. “Daí todo mundo gostou, minha vó começou a me ver com outros olhos. Acho engraçada essa ironia. Mas eu respeito a importância de discordar, de debater. Desde que o posicionamento da pessoa não seja criminoso, é válido para o debate.”

O designer aprendeu a lidar com a notoriedade que explodiu entre 2022 e 2023. “Faz parte do meu trabalho dar entrevistas. É até bom porque me ajuda a refletir sobre meus processos, descubro coisas sobre mim mesmo. Não gosto da fama, mas sei que preciso fazer minha parte”, conta. Entre muitos tra-

balhos e outros tantos compromissos, Airon relaxa vendo vídeos no TikTok e praticando vôlei. Ele treina em um centro esportivo na Vila Mariana, no time chamado Angels, composto somente de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Airon, que também cria peças de mobiliário, se vê primeiro como um designer, não como um estilista. “Primeiro faço design, penso no projeto em 360 graus. A moda é consequência disso.” Ele também quer elevar o conceito do que é moda. “Poucas marcas fazem moda, a maioria faz roupa. E moda é pensar a sociedade, colocar na roupa a materialização de um momento social. Moda não é o look do dia.”

### Que conselho daria ao jovem Airon?

“Não tenha vergonha de mostrar a própria história. Abrace suas histórias, porque elas são muito interessantes!”